

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
INÉDITOS PIERRE COULIBEIF
9 de julho de 2022

DOCTOR FABRE WILL CURE YOU / 2013

de Pierre Coulibeuf

Realização: Pierre Coulibeuf / Produção: Chantal Delanoë, Ellen De Waele / Imagem: Julien Hirsch / Som: Quentin Jacques / Montagem: Pierre Coulibeuf, Frédéric Massiot / Música: Peter Strauven / Produção Delegada: Regards Productions, Angelos / Coprodução: Serendipity Films / Intérpretes: Jan Fabre, Ivana Jozic / Cópia: DCP, falado em francês e inglês, legendado eletronicamente em português / Duração: 60 minutos / Estreia Mundial: Outubro de 2013, no 7th Abu Dhabi Film Festival 2013, Emirados Árabes Unidos / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença do realizador e seguido de debate com Ana Rito e Hugo Barata.

O desafio que o multifacetado artista francês Pierre Coulibeuf coloca ao coreógrafo, pintor, escultor, realizador e escritor belga Jan Fabre consiste, na realidade, num apelo à permanente mutação. Fabre recebe o convite e transforma-o, então, num motivo para o desdobramento da sua arte camaleónica, frontal e, por vezes, de alto impacto. O corpo que “performatiza” é o mesmo que “perfura”, transgride e vandaliza o que encontra, seja no papel de “bic artist”, seja como “skelet man” ou sob outra qualquer máscara que provoque a animalidade no Homem (personagem genérica) e o faça rebelar-se contra a história, a arte e a cultura. **Doctor Fabre Will Cure You** surge na sequência de um projeto anterior que reuniu Coulibeuf e Fabre, **Les Guerriers de la Beauté** (2003). Guerreiro de uma certa e quase intraduzível beleza, Coulibeuf é um artista multimedial e pluridisciplinar que gosta de “habitar” a arte dos outros (além de Fabre, contam-se, como temas e corpos dos seus filmes, a arte de Pierre Klossowski, de Marina Abramovic, de Jean-Marc Bustamante, entre outros), não com um intuito especialmente apologético ou didático, mas antes imbuído de um espírito desafiador e transformador potenciado pela ordem do cinematográfico.

O que acontece nesta nova parceria, chamemos-lhe assim, parte de um ato performático extraordinariamente significativo: Fabre, o próprio, dispara sobre a sua fotografia tumular, desfazendo-a em mil pedaços. A partir daqui, em certa medida, Fabre – um novo e transformado artista – renasce sob inúmeras formas, movido por renovados impulsos de transgressão. O texto – aqui maioritariamente retirado de *Journal de Nuit*, livro da autoria do próprio Fabre – é usado de maneira quase estritamente conceptual, combinando leitura, feita por um corpo imóvel ou em movimento e realizada por uma personagem feminina que lembra o protagonista da sua condição animal, com mensagens inscritas nas paredes ou com exclamações exortadas, em jeito de refrão ou palavras de ordem, por Fabre, habitualmente sozinho, combatendo ou guerreando em nome de uma qualquer forma de arte e visão do mundo. O “Doutor” Fabre, uma vez ressurgido, convida a multidão a ver, ouvir e falar dando uso aos olhos, aos ouvidos e

à boca, alegando ainda que o máximo a almejar neste meio – a arte, citando Dalí, é o aborrecimento cultivado – é “ser-se um artista jovem”, objetivo que, como diz repetidas vezes, pode “levar toda uma vida” a alcançar. Entre o profeta e o “idiot savant”, entre Fred Astaire e Jerry Lewis, Fabre “performatiza” a sua animalidade, exterioriza em ações anseios profundamente trabalhados por si enquanto artista de muitos talentos. Os excertos desse *Journal* apontam para a dimensão pessoal a partir da qual os “quadros” deste filme ganham forma, em jeito de composições de espaço-tempo cinematográfico, em que, para citar Coulibeuf no livro associado a **Les Guerriers de la Beauté** (edição Yellow Now, 2003), “os quadros, a luz, os movimentos de câmara, os sons e, claro, a montagem (...) [criam] ritmos, suscitam tensões entre as coisas, ressonâncias visuais e sonoras”. É isso que encontramos aqui: corporalidades criando tensões com os elementos em volta, que podem pertencer ao reino animal ou humano (da arte e da cultura). Daqui resultam as designadas “ações” do coreógrafo e pensador, encarnando a tal figura imprevisível que nos confronta com a nossa incapacidade de nos relacionarmos com o meio, com o que vemos, ouvimos e dizemos. Entre a paródia narcísica e uma sessão de terapia dos sentidos, o “Doutor” desta “ficção experimental” faz da palavra corpo e do corpo palavra, instituindo – e fidelizando-nos a – novas, porventura estranhas, formas de beleza. No mínimo, constitui um desafio.

Luís Mendonça